

DESCOBRINDO O BARRO: UM APRENDIZADO ATRELADO À CULTURA CAPIXABA

Therezinha de Jesus Chanca Lovat - PMV/ EDUCIMAT-IFES, tetelovat@gmail.com

Maria das Graças Ferreira Lobino – CEFOR/IFES, doutoradograca@gmail.com

Antonio Donizetti Sgarbi – CEFOR/IFES, donizetti@ifes.edu.br

RESUMO

O artigo em tela apresenta reflexões resultantes de uma visita ao Galpão das Paneleiras de Goiabeiras realizada durante a pesquisa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática do IFES intitulado Alfabetização Científica no Ciclo de Alfabetização a partir de um Elemento da Cultura Local - a panela de barro. Tal atividade atendeu a uma turma do terceiro ano do ensino fundamental da EMEF Experimental de Vitória – UFES no turno vespertino. A prática fundamenta-se nos princípios da pedagogia histórico-crítica proposta por Saviani em um contexto de pesquisa-ação participante objetivando a alfabetização científica a partir de elementos da cultura local. Relataremos as atividades empreendidas durante uma visita ao galpão das Paneleiras de Goiabeiras na qual estudantes do ciclo de alfabetização, em interação com o ambiente e a cultura, realizaram uma oficina de produção da panela de barro e, por fim, a análise dos resultados destas atividades dentro da perspectiva da pedagogia histórico crítica.

Palavras-chave: Alfabetização científica; panela de barro; pedagogia histórico crítica.

1. INTRODUÇÃO

No percurso das atividades profissionais, percebemos que os alunos dos anos finais do ensino fundamental, em especial os do 9º ano, encontram dificuldade no estudo e na aprendizagem na disciplina de Ciências Naturais. Entendemos que tal fato pode estar relacionado à “novidade” dos conceitos e termos utilizados, principalmente àqueles conceitos e termos da Física e da Química que geralmente são apresentados apenas no 9º ano do ensino fundamental.

Em virtude de, na escola onde hoje estamos, atuarmos em projetos envolvendo estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, pudemos constatar que a interação de um professor de Ciências com as(os) professoras(es) dos anos iniciais era importante não só para os alunos, mas também para essas(es) professoras(es) que, a partir dessa relação se sentiam contemplados em suas próprias dificuldades conceituais. Ao mesmo tempo compreendemos que a(o) professora dos anos finais ao interagir com esses estudantes e professores potencializam seu leque de opções de estratégias de ensino, elaboradas de forma isolada ou em conjunto com as(os) professoras(es) de anos iniciais, assim como pelos desafios apresentados pelos alunos dessa faixa etária que muitas vezes perguntam coisas que seriam ensinadas somente em cursos de graduação ou pós graduação.

Escrevemos então, o projeto de mestrado profissional intitulado “Alfabetização Científica no Ciclo de Alfabetização a partir de um Elemento da Cultura Local - a panela de barro”, que seria realizado, no município de Vitória, com turmas do ciclo inicial de alfabetização da EMEF Experimental de Vitória - UFES.

A escolha do local de pesquisa deve-se ao fato de a escola receber estudantes da região de Grande Goiabeiras, onde se dá a produção da panela de barro. Optamos pela adoção dos princípios da pedagogia histórico-crítica, para trabalhar conceitos científicos a partir da panela de barro, uma vez que esta valoriza a aprendizagem de conceitos científicos em sua relação com as questões sociais, políticas, culturais e históricas,

Apresentaremos neste artigo uma das atividades desenvolvidas durante a pesquisa de mestrado profissional com a turma do terceiro ano vespertino desta escola. Iniciaremos com uma exposição dos percursos teóricos e metodológicos que envolveram sua realização, assim como, as reflexões resultantes. Em seguida relataremos e apresentaremos as atividades empreendidas durante uma visita ao galpão das Paneleiras de Goiabeiras na qual estudantes do ciclo de alfabetização realizaram uma oficina de produção

da panela de barro e, por fim, apresentamos a análise destas atividades dentro da perspectiva da pedagogia histórico crítica e da alfabetização científica.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Saviani (apud PEDROSA; LEITE, 2011 p. 39) a escola representa o espaço onde é possível ocorrer o diálogo entre o saber historicamente construído e as contradições da sociedade, para que se desperte a necessidade de mudanças e a valorização da cultura.

Dentro desta perspectiva Saviani nos coloca a instigadora necessidade de buscar uma escola crítica que não reproduza os padrões sociais. Para tanto lança-nos a seguinte questão: “É possível uma teoria da educação que capte criticamente a escola como um instrumento capaz de contribuir para a superação do problema da marginalidade?” (SAVIANI, 2009 p. 28).

Pedrosa e Leite (2011, p.40), baseados na pedagogia histórico-crítica proposta por Saviani (2008), destacam que o Ensino de Ciências Naturais não pode perder de vista que ambos, professor e aluno, são vistos como co-autores de processos imbricados que levam a interiorização, a apropriação, a reelaboração e a atribuição de novos significados aos conhecimentos científicos de forma a descobrir para que servem e que sentido têm os conteúdos científico-culturais propostos pela escola.

Enfrentamos então o desafio de tornar a Ciência algo acessível, agradável e ao mesmo tempo, elemento motivador de transformação pessoal e social.

Entendemos, portanto, que seguindo os princípios da pedagogia histórica crítica, o ensino de ciências da natureza em sua ação com estudantes do ciclo de alfabetização do ensino fundamental objetiva possibilitar a apropriação do conhecimento científico levando em consideração a cultura na qual esses estudantes estão inseridos.

Nesse sentido transformar um importante marco cultural do estado do Espírito Santo, a panela de barro de Goiabeiras, em artefato para o ensino de Ciências

da Natureza é o primeiro passo à construção do sentido de pertencimento, reconhecimento e valorização do ofício das paneleiras, nos estudantes que vivem nesta comunidade. Concordamos então com Chassot (2004) quando nos coloca que “os saberes populares podem ser usados como saberes escolares e esse uso se torna mais significativo quando aqueles são procurados, nas comunidades onde está a Escola” e, entendemos que uma alfabetização científica, baseada no saber popular poderia representar uma das possíveis dimensões para potencializar alternativas que privilegiam uma educação mais comprometida.

A atividade descrita foi realizada no dia 28 de outubro de 2015 tendo como um de seus objetivos o estabelecimento de estratégias de ensino relacionadas à panela de barro e à utilização do manguezal de forma a integrar esses elementos da cultura nos objetivos propostos para o ciclo de alfabetização ao mesmo tempo em que buscava despertar o sentido de pertencimento e a valorização da cultura local.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Entendemos o ensino de ciências como algo fascinante e dinâmico e, portanto em todas as ações os integrantes desta pesquisa buscaram favorecer a interação teoria/prática em uma aula de campo com os alunos do ciclo de alfabetização do ensino fundamental. Tal práxis foi investigada a partir do método qualitativo, num contexto de pesquisa-ação participante. Os dados foram construídos a partir de técnicas como a observação participante, a gravação dos relatos orais e textos construídos pelos próprios estudantes.

A turma participante da atividade era composta por estudantes provenientes da região de Goiabeiras, em Vitória no Espírito Santo, muitos tendo em sua história familiar pessoas relacionadas à confecção da panela de barro e mesmo aqueles cujas famílias não estejam relacionadas diretamente à fabricação da

panela, a conhecem por sua utilização em casa. Deste modo entendíamos que a familiaridade com o tema facilitaria a aprendizagem.

Partindo desse princípio, realizamos intervenções pedagógicas a partir das premissas propostas pela pedagogia histórico-crítica de Saviani dentre as quais destacamos a prática social inicial por meio de um encontro no qual alunos e pesquisadora dialogaram acerca do que sabiam e o que gostariam de saber sobre a panela de barro e sua relação com o manguezal. Ao final deste encontro definimos, junto aos professores das turmas, estratégias, conteúdos e formas de avaliação a serem trabalhados ao longo da pesquisa, dentre as quais estava uma aula de campo no Galpão da Associação das Panelleiras de Goiabeiras com uma oficina de confecção de panela de barro.

Como a alfabetização científica a partir de um elemento cultural constitui eixo central da pesquisa buscou-se verificar a apreensão do conhecimento científico das crianças a partir das gravações das aulas, transcritas pela pesquisadora, bem como de textos produzidos individual e coletivamente.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Uma visita à vida da comunidade

Uma aula de campo é sempre marcada por agitação e expectativa por parte dos estudantes. Esta aula em especial gerou ainda mais expectativa uma vez que estes sabiam que iríamos para o galpão das panelleiras fazer uma panela de barro. Fizemos o percurso caminhando em função da proximidade dos dois espaços e no percurso, pudemos observar uma área de manguezal que margeia a Universidade assim como, um curso de água que estabelece os limites entre a Universidade e o bairro de Goiabeiras. Quando chegamos perto do manguezal alguns estudantes falaram que aquela área era um manguezal, demonstrando os conhecimentos que aprenderam na sala

Paramos algumas vezes para lembrar o que vimos nas aulas anteriores dando destaque para a presença da *Rizophora mangle* (mangue vermelho) e outras espécies vegetais, como a *Lagunculária recemosa* (mangue preto). Ao serem aguidos pela pesquisadora sobre a relação do mangue vermelho com a panela de barro o estudante A10 disse “que é de onde se tira a tinta da panela de barro”.

Chegando ao Galpão das panelleiras ficamos no aguardo da Senhora que conduziria a oficina com os estudantes (figura 1), pois esta ainda não havia chegado (estava em horário de almoço). Enquanto aguardávamos, os alunos ficaram maravilhados com o tamanho do lugar e a delicadeza das panelas finalizadas. Ao verem uma panela gigante, feita em acrílico que fica em exposição no galpão, mal puderam conter sua empolgação. Surgiram então mais perguntas sobre o processo de fabricação das panelas que foram sendo feitas à pesquisadora.

Figura 1 – Esperando o início da oficina.



(foto: Therezinha Lovat)

A nossa guia chegou e fomos então conduzidos à área externa do Galpão onde se realizou a oficina (figura 2).

A empolgação foi grande quando, com a ajuda de **Dona L**, uma paneleira experiente, moldaram as próprias panelas (figura 3). Ouviram dela histórias sobre como começou a produzir panelas de barro, ofício que aprendeu com uma vizinha e nunca mais parou e compartilharam as suas próprias,

principalmente aqueles que possuíam parentes que trabalhavam com a fabricação de panelas de barro.

Figura 2 - Produção da panela de barro no galpão das paneleiras.



(foto: Therezinha Lovat)

Figura 3 – Panelas produzidas pelos estudantes.



(foto: Therezinha Lovat)

Depois que terminaram, Voltamos ao galpão, para que os(as) estudantes pudessem ver o lugar com mais calma. Deu-se o registro fotográfico das panelas dispostas nos estandes e aquelas que estavam secando, assim como o processo de preparação da argila (incorporação de água à argila com auxílio dos pés) para utilização por parte das paneleiras (figura 4). Cada grupo menor observou e fez várias perguntas sobre o processo de produção às pessoas que trabalham lá.

Figura 4 – preparo do barro para a confecção da panela.



(foto: Therezinha Lovat)

Observamos ainda o processo de queima e pintura das panelas (figura 5).

Figura 5 – processo de queima da panela de barro



(foto: Therezinha Lovat)

Após a realização da oficina aproveitamos para conhecer a área de entorno do Galpão em especial o manguezal onde pudemos observar o movimento de subida da maré, os caranguejos e as espécies da flora. Vale destacar o momento em que uma aluna trouxe à pesquisadora uma ostra encontrada ao lado da área de queima das panelas e esta aproveitou a oportunidade para falar sobre os moluscos aos alunos.

Em seus relatos posteriores à aula de campo, orais e escritos, os alunos contaram que amaram estar ali e que aprenderam muitas coisas novas. Dentre algumas falas A9 destaca que “pensava que a panela foi inventada pelas paneleiras, mas aprendeu que elas foram inventadas pelos índios”.

Destacamos ainda um dos textos produzidos pelos estudantes: “foi muito legal ir no galpão das panelas aprendi que eles pisam no barro e primeiro eles tiram do mangue vermelho é muito legal fazer o barro virar uma panela capixaba”.

3. CONCLUSÃO

Nas falas e questionamentos levantados ao longo da atividade realizada observamos uma mudança na percepção da atividade de produzir a panela de barro. Ao realizar a oficina os estudantes tiveram a oportunidade de perceber que a todo o momento a integração humana com o meio onde está inserido é visível, pois, as matérias primas utilizadas provêm tradicionalmente, do meio natural: a argila é extraída da jazida, denominada barreiro, no Vale do Mulembá, localizado nos bairros Joana D’arc e Conquista, na Ilha de Vitória; a casca de *Rhizophora mangle*, árvore do manguezal popularmente denominada mangue vermelho, com que é feita a tintura de tanino, é coletada diretamente do manguezal que margeia a localidade de Goiabeiras. Da mesma forma, dois dos principais instrumentos do ofício – a cuia e a vassourinha de muxinga – são feitos a partir de espécies vegetais encontradas nas proximidades (IPHAN, 2006 p. 13-22).

Observamos ainda que a produção da panela de barro despertou um sentimento de valorização a um produto tipicamente capixaba herança dos Índios que aqui viviam e cuja tradição se perpetua nos ensinamentos passados de pais para filhos.

Entendemos que este tipo de atividade envolvendo o “fazer” a partir de uma cultura representa um salto para o ensino e a aprendizagem dos conceitos científicos inerentes a essa atividade. A partir da panela de barro estudamos o manguezal e os seres que o compõem, o barro do qual a panela é fabricada e sua origem a partir do barreiro, único local onde esse tipo de barro é encontrado. Abordamos ainda as questões ambientais que podem levar à

inviabilidade do trabalho das paineleiras se algo acontecer com sua fonte de matéria prima.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê: Ofício das paineleiras de Goiabeiras**. Brasília: Ministério da Cultura, 2006.

CHASSOT, Attico. **Saberes populares fazendo-se saberes escolares: uma alternativa para alfabetização científica**. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/07_47_03_SABERES_POPULARES_FAZENDO-SE_SABERES_ESCOLARES_UMA_ALTERNATI.pdf Acesso em 30 maio 2016.

DIAS, Carla. **Panela de Barro Preta: A tradição das Paineiras de Goiabeiras**. Vitória/Rio de Janeiro: Mauad X: Facitec, 2006.

PEDROSA, Eliane Maria Pinto e LEITE, Lusitonia da Silva. A Epistemologia Dialética Materialista e o Ensino de Ciências Naturais: algumas reflexões. **Acta tecnológica**, vol. 6, número 2, julho-dezembro, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 41 ed. revista. Campinas: Editores Associados, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. Campinas, Autores Associados, 2011.